

TÍTULO: *ETHOS* NO CAMPO DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

Olga VALESKA*
Ana Maria Nápoles VILLELA**

ABSTRACT: This paper consists of a report about how the concepts of logic and rhetoric and also, some argumentative and persuasive strategies, were approached in the academic writing context, considering the essay genre. From a bibliographical research about argumentation and rhetoric, we proposed (i) a critical reading of MEYER(2008) PERELMAN(2002-2004) SUÁREZ ABREU(2004), REBOUL (2004), TOULMIN (2006) e FISHER(2008) and (ii) a short essay about this theme. By this way, a relation had to be made among the concepts presented in the texts and the use of the argumentative strategies proposed by the authors. Consequently, we aimed at an analysis of the strategies chosen by the students, and also at representations of ethos which were taken from the texts. Finally, we observed the relation among the choice of argumentative strategies and the approach perspective with the so called “oneself’s image” produced by the academic essay’s enunciators, who were students from a master’s degree program

KEYWORDS: Interdiscursive processes; Academic writing; Argumentative strategies; ethos representation; Essay genre

1. Introdução

Ao propormos a disciplina “Escrita Acadêmica e Processos Argumentativos”¹ para alunos do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), tínhamos o objetivo de exercitar a especificidade das tarefas de leitura e produção de textos científicos e acadêmicos. Para tanto, num primeiro momento, foi feito um levantamento dos princípios e das condições de produção e circulação de trabalhos científicos, em particular os gêneros de síntese (esquema, resumo, sinopse, resenha crítica) e os gêneros acadêmicos (projeto de pesquisa, trabalho final, ensaio, artigo científico, monografia e dissertação). Foram observadas as estratégias de retextualização, as seqüências discursivas, as relações intertextuais e metatextuais, que envolvem a elaboração textual, o agenciamento de posicionamentos enunciativos e os recursos lingüísticos, discursivos e organizacionais mais utilizados no contexto acadêmico. Num segundo momento, foram trabalhadas as estratégias de argumentação, os conceitos de lógica e retórica e as estratégias de argumentação e persuasão, tais como as informações implícitas, a ironia e a ambivalência, além do conceito de *ethos*, *pathos* e *logos*. Com esse percurso, esperávamos estimular reflexões acerca dos textos teóricos analisados, em função de motivações, intenções e finalidades dos interlocutores, em contextos situados, tendo em vista as representações que projetam o *ethos* do aluno/profissional em questão.

* Doutora em Literatura Comparada. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

** Doutora em Estudos Linguísticos. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

¹ Essa disciplina insere-se nas pesquisas da Linha II “Escrita, Leitura e Processos Interdiscursivos”, cujo um dos objetos é o estudo das estratégias de construção de sentido nos diversos gêneros, em diferentes suportes.

2. O gênero ensaio

De acordo com Lopes (2004, p.36-38), o termo ‘ensaio’ foi utilizado pela primeira vez, pelo escritor francês, Montaigne, em 1580, no título de seu livro, *Ensaaios*, obra que trazia pequenas composições sobre uma variedade de temas, dos mais corriqueiros aos mais formais. As composições já eram usuais, no século 16, mas o título trazia um termo de caráter inovador. A respeito do uso da palavra ‘ensaio’, Montaigne explicava que, por serem tentativas literárias, eram como ensaios, esboços informais, próximos às conversas cotidianas. Ainda segundo Lopes (2004) no século 19, tanto a acepção como o gênero tornaram-se bastante conhecidos:

Deixando de ser um escrito de feição provisória, típico de um tempo de incertezas e deconjeturas – filosóficas, sobretudo! –, o ensaio ganhou *status* literário, passando a significar a expressão de uma opinião, sem, no entanto, apresentar preocupação com um rigor acadêmico ou com uma reflexão profunda. Nascia, assim, um gênero propício às reflexões contidas na famosa indagação atribuída a Montaigne: “*o que sei?*”. (LOPES, 2004, p.36)

O caráter pessoal da pergunta implica um tipo de resposta que dá, ao autor do gênero ensaio, maior liberdade de defender determinada posição sem a necessidade de apoiar-se naquilo que Severino (1976, p.153) chama de “rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica”. Para esse autor, “o ensaio não dispensa o rigor lógico e a coerência de argumentação e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual”.

Por sua vez Medeiros (2000, p.112.) define esse gênero do discurso como “uma exposição metodológica dos assuntos realizados e das conclusões originais a que se chegou após apurado o exame de um assunto”. Destaca o seu aspecto problematizador, antidogmático e diz que “nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade”.

A maior liberdade de defender um ponto de vista e o aspecto problematizador, antidogmático, atrelados ao espírito crítico e à originalidade de que o autor dispõe permitem que os fatos, os eventos, idéias do momento de produção deem origem a ensaios mais ou menos formais.

De acordo com Lopes (2004, p.36), o *ensaio informal* geralmente exprime uma reação pessoal diante da realidade. Já o *ensaio formal* constitui uma peça longa, algumas vezes em linguagem técnica, com *intenção lógico-discursiva e de especulação intelectualista*. Abriga-se comumente nas chamadas ciências sociais, nas quais encontra um campo fecundo para as especulações que visa promover. A autora conta que, em entrevista a Castello (1999), Arrigucci aponta o caráter, ao mesmo tempo *disperso* e *absorto*, repleto de digressões e *lampejos*, que caracteriza o ofício do ensaísta. “Para ele, não basta erudição ao ensaísta, é necessário que exista empatia entre este e o objeto examinado”.

Lopes (2004, p. 38) acredita que, como a crônica, o ensaio possua um certo grau de liberdade que lhe permite movimentar processos metafóricos e analógicos, apostando na co-operação do leitor enunciatário, para alcançar a adesão deste ao discurso do ensaísta.

Orientadas por essas considerações a respeito do gênero objeto deste trabalho, neste estudo procuramos traçar as relações emergentes da escolha das estratégias de argumentação e da perspectiva de abordagem, com a “imagem de si” produzida pelos nossos alunos de mestrado.

3. A constituição do *ethos* em textos ensaísticos

Na presente comunicação fazemos um análise de como foram assimilados, na prática, os conceitos de lógica e retórica e algumas estratégias de argumentação e persuasão no contexto da escrita acadêmica produzida pelos alunos do Mestrado em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. A proposta de produção de texto acadêmico seguiu as seguintes etapas: (1) em um primeiro momento fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema “argumentação” e propusemos uma leitura crítica das seguintes obras: *A arte de argumentar* de Bernard Meyer; *Retóricas e Tratado da argumentação* de Chaïm; *Introdução à retórica* de Oliver Reboul; *A arte de argumentar* de Antônio Suárez Abreu; e *Os usos do argumento* de Stephen Toulmin. A escolha dessas obras deveu-se a sua relevância no âmbito acadêmico e à diversidade de abordagens trazendo, aos alunos, pontos de vistas advindos de vários campos do conhecimento. (2) Em um segundo momento, discutimos os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* na perspectiva de Dominique Maingueneau (2008), Ruth Amossy (2005) e Ana Raquel Motta (2008), buscando destacar a importância da constituição do *ethos* nos processos de convencimento e persuasão. (3) Em seguida foi proposta a elaboração de um texto no gênero ensaístico, recomendando aos alunos que fizessem uso dos conhecimentos desenvolvidos a respeito de *ethos*, em sintonia com as estratégias argumentativas escolhidas. A opção pelo gênero ensaio deve-se ao fato de que esse gênero deixa um espaço maior para a criatividade do sujeito e para uma intervenção de natureza estética. (4) Por último foram dadas as instruções sobre a elaboração de um texto de acordo com as características do gênero ensaio.

Nesta parte de nosso trabalho analisamos, assim, os textos produzidos pelos alunos de acordo com a proposta de trabalho apresentada acima. Nessa análise, buscamos observar como os alunos configuram uma *imagem de si* em função das estratégias persuasivas próprias dos discursos em que predomina a argumentação. Destaca-se que, mesmo que a proposta de trabalho tenha buscado valorizar essa dimensão mais criativa da escrita acadêmica, a maior parte dos alunos escolheu um formato próximo ao do gênero artigo científico, ou seja, um ensaio do tipo formal.

Nesse caso, a *imagem de si* projetada no texto aproximou-se do estereótipo do pesquisador/cientista, uma imagem de neutralidade diante objeto tratado e de explicitação de domínio do conteúdo teórico, o que fez com que a maior parte dos alunos buscassem rasurar os vestígios da presença de um sujeito enunciativo. Romualdo (2008, p. 215), discutindo o conceito de *ethos* no discurso científico afirma que

[...] há uma expectativa já consolidada sobre o *ethos* tido como adequado para o discurso científico. Com valor positivo, espera-se que o *ethos* do discurso científico seja o da objetividade, da competência, da honestidade, da confiança, da segurança do que for dito, entre outras coisas.

Em consonância a isso, a grande maioria dos alunos que optou pelo gênero ensaístico do tipo formal, usou a terceira pessoa do plural e manteve um distanciamento do objeto. Além disso, esses alunos tomaram o cuidado de apoiar seus argumentos em paráfrases dos textos teóricos, em citação direta ou em citação múltipla de autores, em forma de listas:

A partir da década de 1958, os acadêmicos Charles Perlmana e L. Olbrechts-Tyteca pensaram a retórica como arte de argumentar, focando seus estudos nas técnicas de persuasão. Em contrapartida, Morier, Genette, Cohe e os estudiosos do Grupo M U, em um verdadeiro revival do pensamento aristotélico, consideraram a retórica como estudo de estilo, daquilo que torna um texto literário. (G. R., 2010, p.2)²

² Para preservar a identidade do aluno, os seus nomes serão referidos apenas por suas iniciais.

Esse procedimento, bastante comum nos vários gêneros acadêmicos, além de trazer credibilidade ao texto, explicitando o conhecimento que se tem da bibliografia produzida sobre o assunto tratado, ainda funciona como “argumento de autoridade”, estratégia retórica que, segundo Reboul (2004), “[...] justifica uma afirmação, baseando-se na autoridade de seu autor” (p.177). Confirmando esse ponto de vista, foi possível observar que alguns alunos destacaram, antes da citação direta ou indireta, que os autores seriam referência na área, chegando às vezes a um tom laudatório, apoiando-se na autoridade do autor citado: “Pode-se afirmar que o que realmente incita esses teóricos a recorrerem à notável dialética aristotélica é a relação que a retórica argumentativa tem com a estrutura da argumentação [...]”. (H.R.L., 2010, p.1)

Muitos alunos optaram por uma visão histórica sobre o tema trazendo para o solo argumentativo toda uma discussão iniciada desde a Antiguidade. Nesse caso, o *ethos* projetado busca dar autoridade ao discurso, evidenciando um conhecimento mais profundo e denso. A posição de Platão diante da retórica é mencionada pela maioria absoluta dos alunos, mesmo por aqueles que não fizeram uma opção pela visão histórica do tema. Pode-se dizer até que, para esses alunos, o tema da retórica já incorpora a polêmica platônica a respeito da prática sofística da manipulação do discurso e relativização da verdade:

Desde a antiguidade, na Grécia antiga, a argumentação gerou acalourados debates. Platão de um lado, e a escola sofista de outro debatiam sobre o real valor da argumentação, dentro do conceito de retórica. Enquanto para alguns, que eram filósofos, o discurso argumentativo procurava atingir a verdade através do diálogo, para outros, sofistas, o fim da persuasão é manipular, convencer os cidadãos. Aristóteles, em seus Tópicos e em Retórica, foi o primeiro a expor uma teoria da argumentação, assumindo para si a tarefa de estabelecer um meio termo entre filósofos e sofistas. (G.R., 2010, p.1)

Porém o argumento platônico é quase sempre visto, pelos alunos, como uma visão preconceituosa sobre a retórica situada no passado ou como um preconceito que perdura como *senso comum* na atualidade: “Na sociedade em que vivemos, tornou-se habitual o senso comum ditar que argumentação e retórica são sinônimos de coisa artificial, engomada, falsa, com o objetivo de enganar, de iludir”. (G.R., 2010, p.2)

Nesse exemplo, o aluno G.R. faz uso de um tipo de estratégia retórica chamada de argumento *ab hominem*. Trata-se de um falso argumento que incide negativamente sobre a imagem (*ethos*) de um suposto oponente, para desqualificar suas idéias sem discuti-las. Nesse caso, o aluno polariza os pontos de vista entre aquele defendido pelo chamado “senso comum” e outro defendido por teóricos especializados, tomando o partido do segundo grupo. Com esse procedimento, ele identifica sua própria imagem à dos acadêmicos e afasta-se do *ethos* que ele mesmo desenhou para o primeiro grupo. É interessante notar que nenhum dos alunos concordou com o argumento platônico, mas é bastante significativo que muitos tenham procurado resguardar sua própria imagem da antiga suspeita de formalismo vazio e de prática de manipulação, exibindo de várias maneiras sua própria neutralidade sobre o tema tratado.

Poucos alunos arriscaram-se a explorar a dimensão criativa permitida pelo gênero ensaístico do tipo informal. A maior parte preferiu um formato intermediário que valoriza o estilo, mas não compromete a linguagem científica. No caso do trabalho do aluno G.R., como já foi dito, os primeiros parágrafos obedecem à estratégia de uso do discurso historiográfico. Nesses parágrafos, ele faz um resumo histórico da discussão sobre retórica, chegando até a modernidade, com o surgimento da metodologia científica em que, supostamente, a verdade seria fruto de evidências e provas científicas:

Assim, a argumentação se desenvolveu dentro da retórica como uma arte, de tal forma que, na Idade Média, ocupava um lugar central na educação [...]. Prosseguiu assim até o advento do método científico, onde a evidência passou a prevalecer sobre os argumentos, as provas científicas eram a verdade irrefutável. (G.R., 2010, p.1)

Quando trata da temática no contexto da atualidade, o aluno introduz a questão na forma interrogativa: “afinal, o que é argumentar?” (p.1) e recorre ao dicionário onde encontra duas definições que ele não refuta e que servem de argumento para afirmar a pluralidade de pontos de vistas possíveis que, em seguida, são explorados resumidamente: “Assim como cada um que vê um objeto, o vê de um diferente ponto de vista, e abstrairá dele um enfoque distinto do outro, hoje em dia há uma série de enfoques, de pontos de vistas distintos acerca da retórica e da argumentação” (p.1)

Com essa estratégia, o aluno coloca-se no lugar de um sujeito aberto ao diálogo, aberto a aceitar o ponto de vista alheio.

Não queremos mencionar aqui se há um ponto de vista melhor ou pior, mas, como produtores de discursos que somos, e sobretudo como usuários da argumentação (e também receptores), faz-se necessário um entendimento mais apurado a respeito desses processos. (G.R., 2010, p.1)

O sujeito procura projetar uma imagem de neutralidade com relação a qualquer juízo de valor diante das diversas abordagens teóricas. Contraditoriamente, como já foi analisado, ele divide claramente as posições entre o que ele chama de “senso-comum” e o ponto de vista que ele próprio defenderá, assumindo uma posição de autoridade diante da questão discutida.

Apesar disso, o autor, ao mesmo tempo em que define argumento como geração de um espaço de diálogo entre pontos de vistas distintos, prescreve as estratégias dialógicas de argumentação. Além disso, ele projeta um *ethos* flexível de um sujeito que sabe aceitar pontos de vistas plurais, mas que não se omite na tomada de posição. Assim, a prática e o posicionamento teórico convergem em uma estratégia que combina o discurso e o *ethos* do sujeito enunciado, tornando o texto bastante claro e persuasivo.

Dentre os alunos que optaram pelo ensaio formal, destaca-se o texto de R.C. que investe em uma estratégia metalingüística que gerou um jogo persuasivo bastante instigante e eficaz do ponto de vista argumentativo. A aluna dá início a seu texto com uma negativa: “Uma conclusão retórica não pode ser um objetivo para uma argumentação” (p.1), mas, em seguida, ela afirma que não se deve dar início a um texto com uma negativa e explica que, naquele contexto específico, a negativa se justifica, já que se trata de uma meta-discussão teórica. A aluna, assim, explicita a estratégia argumentativa que irá utilizar em seu ensaio, a meta-discussão, ao mesmo tempo em que a aplica na prática: “Por mais estranho e não recomendável que seja começar um texto deste com uma negativa, fazê-lo torna-se um exercício interessante no momento, já que esta é uma meta-discussão” (R.C., 2010, p.10).

Ora, assumir aquilo que ela chama de “meta-discussão” é, também, assumir uma postura crítica diante do próprio texto e de todo o processo argumentativo. A imagem projetada pelo sujeito assume um lugar privilegiado de produtor e comentador do texto produzido. O interessante, nesse caso, é que, quando o texto versa sobre estratégias argumentativas, esse procedimento crítico fica potencializado, gerando um jogo irônico que abala as verdades teóricas discutidas e as verdades expressas no próprio texto.

É significativo que a aluna faça uso de um diálogo direto com o leitor: “Em um momento desses, você leitor, pode estar a se perguntar como é o processo de argumentação deste texto sobre argumentação” (p.1). Nesse caso, a inclusão do leitor no âmbito da argumentação, que já é, por definição, um discurso dialógico, explicita a dimensão persuasiva

presente nesse tipo de discurso e no próprio texto produzido. Ao esclarecer a dúvida presumida do leitor, o sujeito do discurso gera um pacto de cumplicidade e de simpatia com o seu interlocutor, investindo no caráter sedutor da retórica.

Nesse caso, a imagem que se projeta do leitor é de alguém que indaga e questiona as verdades do texto que lê. Já o *ethos* do sujeito do discurso é de alguém capaz de estabelecer um diálogo produtivo, inferindo e respeitando a possível diversidade de pontos de vista, e analisando objetivamente a sua própria perspectiva sobre o assunto:

Uma espécie de meta-estudo pode ser feita neste contexto que pretende apresentar vários pontos de vista a respeito do tema. Afinal todo tipo de argumentação é diálogo e implica liberdade de pensar, de expressar esse pensamento e envolve uma subjetividade que se comunica diretamente com a subjetividade do outro. (R.C., 2010,p.1)

Nesse exemplo, a aluna explicita, mais uma vez, as estratégias de persuasão, ao mesmo tempo em que as pratica. E a dimensão irônica do jogo adotado no texto é exposta no parágrafo seguinte, novamente em um processo metalinguístico: “Contudo para poder executar bem esse processo de argumentação é fundamental ter consciência de que tudo se trata basicamente de uma treinada e perspicaz habilidade de comunicação [...]” (p.1).

Um dado interessante é que a aluna rompe o diálogo direto com o leitor para explicar, teoricamente, as pistas retóricas deixadas no seu texto e não retoma esse tipo de procedimento. É difícil saber se houve uma quebra proposital do diálogo com o leitor ou se a aluna abandona a estratégia dialógica para simplesmente retomar o formato usual de texto acadêmico, com um diálogo indireto: “Dentro de um texto, por exemplo, inúmeras pistas lingüísticas são deixadas para que o raciocínio argumentativo seja construído aos poucos pelos leitores” (p.1). De qualquer forma, a imagem de um sujeito provocador e disposto a uma escuta ao leitor também fica abalada e a aluna passa a apresentar um *ethos* mais professoral, interessado em conduzir a leitura de seu interlocutor: “Quando se tem a intenção de ajudar um leitor a raciocinar, entender e compreender um conteúdo, características vão sendo deixadas durante as linhas de um texto para facilitar o processo” (p.1-2).

No fecho do ensaio, a aluna volta ao seu lugar dialógico e polemizante, frisando a necessidade de se tomar cuidado com a demagogia e aponta a dimensão artística e estética como antídoto contra esse perigo, justificando a sua adesão à idéia de retórica como “arte de argumentar”:

O cuidado que deve ser tomado ao tentar trabalhar argumentação e retórica, no entanto é a demagogia. Isso demonstra quão relativo e delicado é o processo de construção de um discurso argumentativo e persuasivo, o que pode nos fazer retornar a definição destes termos enquanto um tipo de arte (p.2).

Analisando esses trabalhos, observamos que, no contexto acadêmico, o aluno teme o risco de assumir *ethos* mais informal no contexto acadêmico, talvez por reconhecerem o risco de se escapar a estereótipos bastante consolidados nesse espaço. No grupo que assume esse risco, foi observado que eles acabam ocupando um espaço intermediário entre os dois extremos. Nesse caso, os alunos lançaram mão apenas de recursos estilístico como gradação, que tem como efeito dar uma maior força ao argumento usado, como podemos observar no exemplo a seguir:

Em tese, a argumentação e retórica caminham unidas, já que ambas estão unidas pela linguagem e servem a determinado propósito. O sujeito de um discurso buscará perceber de quais argumentos ele pode lançar mão para *atingir*, *sensibilizar*, *incitar* uma platéia, um grupo de leitores a se convergirem para o ponto em que esse sujeito pretende. Nesse processo, torna-se fundamental a formação de um *ethos*, o caráter que deve assumir para conseguir a atenção de seu(s) interlocutor(es), conquistando a

atenção desse público e também de saber tirar proveitos das *tendências, desejos e emoções*, e dele(s), o *pathos*. (M.V.S., p.1-2) (grifo meu)

É importante frisar a recorrência da repetição de palavras, geralmente três vezes, no texto desse aluno. Esse dado nos permite pensar que, mais que reforço a uma idéia, tais repetições buscam um efeito rítmico, que abarca também a esfera do estético. Como afirma Reboul (2004, p. 115), “Para os antigos, o ritmo da frase tem importância capital, pois é a música do discurso, o que torna a expressão harmoniosa ou tocante, sempre fácil de ser retida”. Ora, a preocupação com a estrutura rítmica de um texto, juntamente com a busca de uma simetria de argumentos, além de levar o leitor a reter melhor as idéias presentes no texto, ainda ajuda a estabelecer um elo com este. Um elo estabelecido pelo prazer compartilhado:

Pergunta: de onde vem a força persuasiva das palavras? Elas facilitam a atenção e a lembrança, mas não é só isso. As figuras de palavras instauram uma harmonia aparente, porém incisiva, sugerindo que, se os sons se assemelham provavelmente não é por acaso. A harmonia é comprovada pelo prazer. (REBOUL 2004, p. 118)

Outra estratégia interessante, usado por esse mesmo aluno, foi a analogia como recurso de presença e como fio condutor do argumento. Nesse texto, chamado de *Caminhos sinuosos dos argumentos*, o aluno discorre detalhadamente sobre o tema sem tocar na imagem usada no título. Somente no último parágrafo, ele retoma a expressão “caminhos sinuosos”:

O caminho da argumentação é, portanto, bastante sinuoso. Necessita de, além do conhecimento sobre aquilo que se pretende descrever, contar ou afirmar, um olhar mais atento ao contexto em que certo argumento vai se inserir. Se esse argumento almeja ser uma ferramenta retórica, precisa de estar em sintonia com aqueles que se pretende atingir, extraindo-lhes as potencialidades, os desejos, as vontades. Talvez dessa forma encontre uma abertura, uma via para operar. (M.V.S., p.2)

Observe-se que o aluno inicia o parágrafo com a imagem de “caminhos sinuosos” e termina com “uma via para operar”. Ele retoma a idéia de “caminho”, com a diferença de que, agora, ele seria uma “abertura”, uma possibilidade, não uma trilha sinuosa e confusa. O interessante, nesse exemplo, é que o uso de metáfora funciona também como “recurso de presença” no texto. Lembramos que esse recurso é usado para dar materialidade a um argumento, ajudando o leitor a visualizar uma questão abstrata, a partir de um dado sensível, uma imagem ou uma narrativa. Como afirma Suarez Abreu (2004, p. 68): “Recursos de presença são, pois, procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. Note-se que esse mesmo aluno também fez uso do recurso de presença propriamente dito, com exemplos ilustrativos de seu ponto de vista, buscando esclarecer idéias e facilitar a compreensão do leitor, como pode ser observado no trecho abaixo:

Um professor, por exemplo, que identifica e compreende as necessidades de SEUS alunos, terá mais possibilidades de realizar seu trabalho com mais capacidade, já que utilizará seus conhecimentos sobre alguma disciplina acadêmica não como fim nela mesma (o que seria um erro porque manifesta apenas o *logos*), mas como um ponto de apoio para realizar seu trabalho de envolver uma turma [...]. (p.2)

Em conclusão, com as análises elaboradas podemos observar que, independente da opção por um ensaio formal ou informal, os textos que obtiveram uma eficácia persuasiva mais evidente foram aqueles que assumiram um *ethos* consonante com as estratégias argumentativas. Ou seja, quando a *imagem de si* foi projetada para apoiar a estrutura argumentativa elaborada pelo aluno. Assim, pode-se dizer que, mais que um elemento

discursivo a ser ocultado por traz da neutralidade científica, o *ethos* projetado em textos acadêmicos também pode funcionar como um *argumento* capaz convencer, persuadir e seduzir.

4. Referências

- ALVES, Caroline Assunção. Efeitos de patemização no discurso. In: MACHADO, Ida. (org). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, Beth (org). *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Ed. da Universidade, 1997.
- FISHER, Alec. *Alógica dos verdadeiros argumentos*. São Paulo: Ed. Conceito, 2008.
- FOSSEY, Marcela Franco. Tom e corporalidade na divulgação científica. In: *Ethos discursivo*. MOTTA, Ana Raquel. (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.
- GLINARI, M. Melliandro. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, Ida. (Org). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- KELLER, Vicente e BASTOS, L. Cleverson. *Aprendendo Lógica*. Petrópolis, Vozes: 2000.
- LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira. *Processos inferenciais de referenciação na perspectiva sócio-discursiva*. (Tese, Doutorado) Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2004.
- MACHADO, I. L. *Ensaio em análise do discurso*. Belo Horizonte: Fac. de Letras da UFMG, 2002.
- MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília; MENEZES, Willian. (org.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: a Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas*. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
- MEYER, Bernard. *A arte de argumentar*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: *Ethos discursivo*. MOTTA, Ana Raquel. (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.
- PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERELMAN, Chaïm. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROMUALDO, Jonas de Araújo. Ethos e discurso científico. In: MOTTA, Ana Raquel (org). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Ed Contexto, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 13ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.
- SUÁREZ ABREU, Antônio. *A arte de argumentar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004
- TOULMIN, Stephen E. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.